Resumo da Entrevista com José Luís Fiori: O IMS como "Escola de Poder" e a Gênese do SUS

A entrevista com José Luís Fiori, realizada em 9 de dezembro de 2016, oferece uma perspectiva singular e profundamente analítica sobre a criação do Instituto de Medicina Social (IMS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e sua intrínseca relação com a reforma sanitária brasileira e a concepção do Sistema Único de Saúde (SUS). Fiori, um intelectual de vasta trajetória, compartilha suas memórias e interpretações, destacando o IMS não apenas como uma instituição acadêmica, mas como uma verdadeira "escola de poder" que moldou gerações de estrategistas para a saúde pública no Brasil. Este resumo visa proporcionar a especialistas, estudantes universitários, executivos e ao público em geral uma visão clara e aprofundada da ótica de Fiori, sem perder a riqueza de suas reflexões.

A Chegada ao IMS e a Gênese de uma Instituição Heterodoxa

José Luís Fiori narra sua chegada ao Brasil em 1973, após um período de exílio no Chile, e o convite inusitado para integrar o recém-criado IMS. Inicialmente cético em relação à Medicina ("não gosto de Medicina, e não entendo nada deste assunto"), Fiori foi persuadido por Arlindo Fábio de Souza e, posteriormente, por Nina Pereira Nunes e Hésio Cordeiro, figuras centrais na fundação do Instituto. Sua primeira impressão do IMS, sediado sob o biotério da Faculdade de Ciências Médicas e com uma "biblioteca" de apenas 10 ou 15 livros, revelava a precariedade material, mas contrastava com o "entusiasmo" e a "união" do grupo inicial.

Apesar do ceticismo inicial, Fiori aceitou o desafio de ajudar a conceber a pós-graduação em Medicina Social. Ele descreve o processo como uma construção "sem nenhum modelo, nenhum programa", pautada pela "total heterodoxia da concepção". O IMS, desde o início, caracterizou-se por uma "multiplicidade de enfoques" – epidemiologia, antropologia, neurologia, demografia – onde "nenhum nunca se submeteu ao outro, nenhum nunca foi inteiramente hegemônico". Essa diversidade intelectual, aliada a um forte "lado afetivo e da adesão pessoal, emocional" ao projeto coletivo, tornou-se a "verdadeira marca diferencial" do Instituto. A primeira disciplina ministrada, "Determinação Social da Doença", com a participação de Fiori e Jurandir Freire Costa, simboliza essa abordagem interdisciplinar e crítica.

O IMS como "Escola de Poder": Formando Estrategistas para a Saúde

A contribuição mais marcante de Fiori para a compreensão do IMS é sua conceituação do Instituto como uma "grande escola de poder", e não de governo. Essa distinção é crucial: enquanto uma "escola de governo" prepara técnicos e administradores para operar o sistema, uma "escola de poder" forma "estrategos" – indivíduos capazes de "definir e hierarquizar objetivos de médio e longo prazo", traçar estratégias e "conduzir os técnicos". Essa preocupação com o "o que fazer?" ao se chegar ao poder era uma obsessão pessoal de Fiori, forjada em suas experiências políticas no Chile.

Para Fiori, a "vontade de poder" era a força motriz que mantinha o grupo do IMS unido e engajado. O Instituto, em plena ditadura militar, funcionava como um espaço de pensamento crítico e de formulação de alternativas para o país. A capacidade do grupo de "avançar abertos à novidade", discutindo intensamente nos seminários e até

mesmo nos "botequins de Vila Isabel", demonstrava um "espírito alegre e disruptivo" e uma "aventura do conhecimento" que ia além das fronteiras disciplinares. A vinda de intelectuais como Michel Foucault e Ivan Illich ao IMS, viabilizada pela articulação do grupo (com apoio da OPAS e de Juan César García), exemplifica essa abertura e o impacto do Instituto na cena intelectual.

A Concepção do SUS e as Perdas no Caminho

A "escola de poder" do IMS teve um papel fundamental na concepção do SUS. Fiori relata a elaboração do documento "A Questão Democrática na Área da Saúde" em 1976, que propunha a criação de um sistema unificado e público de saúde para o Brasil. As discussões, que envolviam figuras como Hésio Cordeiro, Reinaldo Guimarães e José Noronha, aconteciam em reuniões formais e informais, como as realizadas em um colégio em Santa Teresa em 1986, onde se debatia a organização do sistema por municípios ou regiões sanitárias.

A visão original do grupo era de um sistema "mais centralizante, estatal e universalizante", e "não municipalista". Fiori lamenta que essa concepção tenha sido modificada ao longo do tempo, especialmente a partir da "hegemonia neoliberal" dos anos 90 e da adesão de parte da antiga esquerda ao municipalismo. Para ele, o projeto inicial do SUS foi "desenhado" por esse grupo, e sua implementação, embora com desvios, é um testemunho do sucesso do IMS em formar líderes.

Figuras-Chave e a Dinâmica do Grupo

Fiori descreve a dinâmica do grupo fundador do IMS, destacando Nina Pereira Nunes como a figura "estratégica" e "ousada", responsável pelas "grandes iniciativas e inovações", e Hésio Cordeiro como o líder "conciliador" e "agregador", que "conseguia fazer as coisas acontecerem". Essa "boa dupla" formava o "núcleo central" que, junto com Fiori, Reinaldo Guimarães, João Regazzi e outros, "governou o IMS" por cerca de 15 a 20 anos.

Ele também reconhece a importância de figuras "pré-históricas" como Nelson Moraes e Piquet Carneiro, que foram cruciais no "nascimento da ideia" e na "blindagem" do Instituto, e Mario Chaves, da Fundação Kellogg, que foi decisivo para o financiamento inicial. A presença de exilados e militantes de esquerda no IMS, embora informal, contribuiu para o ambiente de refúgio e efervescência intelectual.

A Trajetória Intelectual de Fiori e o Legado do IMS

Apesar de sua vasta produção intelectual em economia política internacional, Fiori considera a experiência no IMS "fundamental" para sua formação. Foi no Instituto que ele aprofundou sua reflexão sobre o "poder" como objeto de estudo, tema que se tornaria central em sua obra posterior. O IMS serviu como um "laboratório intelectual" onde ele podia lançar ideias e interpretações, e a constante "revisão e rediscussão" dos cursos e programas mantinha a instituição em um estado de "aventura intelectual" permanente.

Fiori observa que, após a década de 90, a "escola de poder" do IMS perdeu sua hegemonia e presença, com muitos de seus membros assumindo cargos em outras instituições ou se aposentando. No entanto, ele ressalta que o "viés do poder" se

manteve aceso em outros planos, e que o IMS continuou a formar quadros importantes para a saúde pública. A capacidade do Instituto de formar uma "elite" de "cabeções" que viriam a ocupar posições decisivas no INAMPS, Ministério da Saúde, Fiocruz e CAPES é, para Fiori, a prova do "extraordinário sucesso" do IMS, que "fez muito barulho e deixou uma herança importante que não pode ser esquecida jamais".

Em conclusão, a perspectiva de José Luís Fiori sobre o IMS é a de uma instituição que, apesar de suas origens humildes e do contexto adverso da ditadura, conseguiu se consolidar como um polo de pensamento crítico e de formação de lideranças. Sua visão do IMS como uma "escola de poder" oferece uma chave interpretativa valiosa para compreender a influência desproporcional do Instituto na construção do SUS e na trajetória da saúde coletiva brasileira, convidando a uma reflexão contínua sobre os desafios e as oportunidades na busca por um sistema de saúde mais justo e equitativo.